

2 DE ABRIL DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL 2018 – DILI

É com entusiasmo que todos os anos a primeira edição do *Notícias FNLIJ* divulga a Mensagem do DILI – IBBY. Para celebrar a data do nascimento do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen em 2 de abril, o International Board on Books for Young People – IBBY criou o Dia Internacional do Livro Infantil – DILI. A cada ano, uma seção nacional do IBBY patrocina a mensagem, selecionando o escritor e o ilustrador que vão criar o texto e a ilustração do pôster. A seção também é encarregada da produção do material e envio deste para todas as representações do IBBY no mundo.

Em 2018, a seção responsável pela mensagem é a da Letônia, país europeu banhado pelo Mar Báltico e pouco conhecido entre nós. O tema *O pequeno é grande num livro*, inspirou o texto da mensagem escrito pela poeta, escritora e editora Inese Zandere, que analisa o poder do livro infantil no imaginário das crianças. O ilustrador Reinis Pētersons criou a imagem do pôster.

Desde 1967, a mensagem do DILI atravessa fronteiras para divulgar o livro de Literatura Infantil e Juvenil, ao mesmo tempo em que leva um pouco da cultura de cada país que a patrocina.

A antecipação da publicação da mensagem do DILI em janeiro, no lugar de abril, além de oferecer uma sugestão de leitura de ficção para iniciar o ano com esperança, também tem como intenção que a escola inclua no seu planejamento, em geral feito no início do ano, a comemoração da data e, a partir da mensagem e da ilustração vinda de longe, apresentem aos alunos e colegas a literatura como a melhor forma de conhecer outras culturas.



PÁGINA 4
Prêmios Jabuti e
Biblioteca Nacional
2017 para LIJ

PÁGINA 8
Diálogos 2017
Movimento por um
Brasil Literário

PÁGINA 10
Não gosto de ler!
é tema na Revue des
Livres

Seção IBBY da Letônia – LBJLP

Com DILI de 2018, o IBBY oferece a oportunidade de conhecer um pouco desse pequeno país europeu por meio de sua literatura para crianças e jovens. A Letônia é uma das três repúblicas bálticas, ao lado da Lituânia e Estônia, e o idioma oficial do país é o letão, língua báltica, do grupo indo-europeu.

Criada em 1993, a seção letã do IBBY – Latvijas Bernu un jaunatnes literatūras padome – LBJLP (Conselho de Literatura para Crianças e Jovens da Letônia, em tradução livre) tem como membros diferentes profissionais na área de livros infantis: autores, ilustradores, pesquisadores, críticos, bibliotecários, editores e professores. O LBJLP coopera com todas as organizações na Letônia interessadas em literatura infantil e promoção da leitura – editoras de livros infantis, bibliotecas, asso-

ciação de autores do livro, universidades e escolas.

A qualidade da LIJ da Letônia vem evoluindo nos últimos cinco anos e a produção editorial deseja aumentar sua participação no mercado internacional.

O programa *White Wolf books* é uma das ações do LBJLP para a promoção do desenvolvimento da literatura infantil letã, do qual faz parte o Prêmio Janis Baltvilks para literatura infantil, concedido anualmente para o melhor autor, ilustrador, tradutor e autor estrangeiro do Mar Báltico, cujo livro é traduzido e publicado na Letônia.

A seção organiza Leituras Anuais de Literatura Internacional para Crianças em Riga, capital do país, nomeia candidatos para o Prêmio ALMA e Prêmio Hans Christian Andersen, além da apre-



Prêmio Janis Baltvilks

sentação de ilustradores letões na Bienal Ilustrações de Bratislava e Tallinn Illustrations Triennial *The Power of Pictures*. O LBJLP coordena, ao lado da Biblioteca Nacional da Letônia, o Riga Picture Book Quadrennial *Picture Story*, um concurso e exposição para ilustradores da região do Mar Báltico.

Os principais parceiros do LBJLP são o Centro de Literatura Infantil da Biblioteca Nacional da Letônia e o Centro de Literatura da Letônia.

Autores da mensagem de 2018



Inese Zandere nasceu em Dobeles, Letônia, em 1958. Vinda de uma família de professores, Zandere se tornou poeta e escritora, além de ser editora da *Liels un Mazs*. Formada em filosofia pela Universidade da Letônia, ela já trabalhou como pesquisadora, editora e roteirista para diversos jornais, revistas, editoras e estúdios de cinema. Escreveu mais de 30 livros para crianças e jovens e, nos últimos 20 anos, se envolveu em projetos relacionados à literatura infantil e educação cultural. Zandere é uma das fundadoras da premiação Annual Baltic Sea Region Jānis Baltvilks International Prize in Children's Literature and Book Art. Seu livro *Māsa un Brālis* (*Irmã e irmão*, em tradução livre) ganhou o prêmio e foi selecionado para a lista de honra do IBBY 2008.



Reinis Pētersons nasceu em 1981, é um ilustrador e animador gráfico residente em Riga, capital da Letônia. Estudou na Escola Superior de Arte Jaņa Rozentāls Riga e no estúdio de fotografia Andrejs Grants, e é formado no Departamento de Comunicação Visual da Academia de Arte da Letônia. Ao longo de sua carreira, Reinis ilustrou dezenas de livros infantis e jogos de tabuleiro. Atualmente trabalha no estúdio de animação Atom Art e dirigiu *Ursus*, um curta-metragem animado, vencedor de vários prêmios internacionais. Foi candidato ao Prêmio Hans Christian Andersen em 2014 e ao Prêmio Memorial Astrid Lindgren nos últimos cinco anos.

O pequeno é grande num livro | Inese Zandere

As pessoas são atraídas pelo ritmo e pela regularidade, assim como a energia magnética organiza tiras de metal num experimento de física, assim como um floco de neve cria cristais da água. Num conto de fadas ou poema, as crianças apreciam repetições, refrões e motivos universais porque eles podem ser reconhecidos de uma nova forma a cada vez – eles trazem regularidade ao texto. O mundo ganha assim uma bela ordenação. Eu lembro até hoje como, quando criança, eu me esforçava para trazer justiça e simetria, direitos iguais para a direita e para a esquerda: se fazia uma batida na mesa, contava quantas vezes cada dedo se mexia, para que os outros dedos não se ofendessem. Eu tendia a bater palmas indo da mão direita para a esquerda, mas então pensei que era injusto e aprendi a fazer da maneira oposta, da esquerda para a direita. Esse desejo instintivo pelo equilíbrio é engraçado, claro, mas mostra a necessidade de evitar que o mundo se torne desigual. Eu tinha a sensação de que eu era a responsável pelo equilíbrio de tudo.

A atração das crianças pelos poemas e histórias advém de sua necessidade de trazer regularidade ao caos do mundo. A partir da indeterminação, tudo se orienta em direção à ordem. Cantigas de ninar, cantigas populares, jogos, contos de fadas, poesia... todas essas formas de existência, organizadas de maneira rítmica, ajudam os pequenos a estruturarem sua presença nesse grande caos. Eles criam uma noção instintiva de que a ordem é possível no mundo e de que todo mundo tem seu espaço singular nele. Tudo trabalha para esse objetivo: a organização rítmica do texto, as sequências de letras e a diagramação da página, a impressão do livro como um todo bem estruturado. O grande é revelado no pequeno, e reproduzimos isso nos livros para crianças mesmo se não estamos pensando em Deus ou em fractais. Um livro infantil é uma força milagrosa que incentiva o desejo e a habilidade de ser dos pequenos. O livro incentiva a coragem de viver da criança.

Em um livro, o pequeno é sempre grande, de maneira instantânea, e não apenas quando se chega à vida adulta. Um livro é um mistério no qual algo inesperado pode ser descoberto, ou então algo além de nosso alcance. Aquilo que os leitores de certa idade não conseguem apreender com o raciocínio permanece em sua consciência como uma marca e continua a agir mesmo se não completamente compreendido. Um livro de imagem pode funcionar como um baú do tesouro em conhecimento e cultura até para adultos, assim como crianças podem ler um livro de adulto e encontrar sua própria história, uma pista sobre sua vida em desenvolvimento. O

contexto cultural forma as pessoas, ao preparar o terreno para impressões que chegarão no futuro, assim como acontece com as experiências ruins pelas quais as pessoas terão que passar para se manter íntegras.

Um livro infantil significa o respeito pela grandeza do pequeno. Significa um mundo criado de novo a cada vez, uma seriedade bela e brincalhona, sem a qual tudo, incluindo a literatura infantil, é apenas uma ocupação vazia.

Em resumo:

O livro faz com que a criança intua que a ordem no mundo é possível e que todos têm um lugar singular nele. Tudo funciona para esse objetivo: a organização rítmica do texto, as sequências de letras, a diagramação da página, a impressão do livro como um todo bem estruturado. O grande é revelado no pequeno e nós reproduzimos isso nos livros infantis. O livro é um mistério no qual algo inesperado pode ser encontrado, ou algo além de nosso alcance. O livro infantil significa respeito pela grandeza do pequeno.

*Tradução do inglês:
Mariana Elia*





Daniel Munduruku e Cristino Wapichana



Ruth Rocha, homenageada da premiação

Prêmios Jabuti e Biblioteca Nacional para a LIJ e Educação

Prêmio Jabuti 2017

No dia 30 de novembro aconteceu a cerimônia de entrega do 59º Prêmio Jabuti 2017, no Auditório Ibirapuera, em São Paulo. A professora e pesquisadora de educação Magda Soares recebeu o prêmio de Livro do Ano não ficção por *Alfabetização: A questão dos métodos* (Editora Contexto), um importante reconhecimento para área de alfabetização, do letramento e, sobretudo, da educação pública brasileira. No box abaixo, Marisa Lajolo nos brinda com uma resenha da obra, que também está no site da Fundação; www.fnli.org.br.

Machado, de Silviano Santiago (Companhia das Letras) foi escolhido Livro do Ano de ficção. Os vencedores receberam o valor de R\$ 35 mil.

A Literatura Infantil também se fez presente na cerimônia por meio da merecida homenagem à Ruth Rocha, pelo conjunto da obra que completou 50 anos em 2016. Autora premiada, Ruth recebeu o reconhecimento da Academia Brasileira de Letras, da

Associação Paulista dos Críticos de Arte, da FNLIJ, e oito prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira de Letras. Pela FNLIJ, foi indicada ao Prêmio Hans Christian Andersen. Na década de 1970, trabalhou como coordenadora do departamento de publicações infanto-juvenis da editora Abril, levando para a revista *Recreio* nossos grandes autores de LIJ, Ana Maria Machado, Joel Rufino e Ziraldo.

Na cerimônia, os três ganhadores das 29 categorias receberam suas premiações. Para os primeiros colocados, além do troféu Jabuti, a premiação oferece R\$ 3,5 mil. Os segundos e terceiros lugares recebem o troféu.

A premiação da Câmara Brasileira do Livro (CBL) teve 2.460 livros inscritos nessa edição e contou com duas novas categorias: Histórias em Quadrinhos e Livro brasileiro publicado no exterior.

Quase todos os contemplados nas categorias referentes à LIJ receberam reconhecimento da FNLIJ. São eles:

UM JABUTI PARA MAGDA SOARES | POR MARISA LAJOLO

Uma grande notícia neste melancólico final de ano de nossa terra, foi o Prêmio Jabuti de Magda Soares. O livro *Alfabetização: a Questão dos Métodos* da professora mineira foi considerado *Livro do Ano Não Ficção*. Muitos vivas para a autora, outros tantos para a editora (a Contexto) e também muitos para prêmio (o Jabuti) que reconheceu e, reconhecendo, chancelou – a excepcional qualidade do livro

E do que trata o livro?

Como indica seu título, ele se ocupa de um dos maiores problemas brasileiros: a baixíssima qualidade da aprendizagem proporcionada pela maioria das escolas brasileiras. As crianças aprendem pouco e mal.

Por quê?

Porque não sabem ler.

E não sabem ler por quê?

Porque – salvo as exceções de sempre – a escola não sabe ensinar.

Não sabe ensinar porque a formação dos alfabetizadores – na realidade, dos educadores em geral – é precária. Simples assim.

Engana-se, e muito, quem for ao livro procurando a sugestão de um método que opere um milagre, o método milagroso que vai transformar em leitores os milhões de brasileirinhas e brasileirinhos que se sentam em bancos escolares.

Nada disso.

Magda sugere que a eleição de um ou

de outro método de alfabetização é quase indiferente se, ao aplica-lo, não se levar em conta a complexidade do ato da leitura; e, conseqüentemente, a complexidade das atividades cognitivas envolvidas na transformação de um ser humano em um leitor.

Estes saberes precisam fazer parte da formação dos professores.

Em linguagem acessível, cuidadosa e envolvente, Magda aponta e discute as capacidades a serem desenvolvidas ao longo do aprendizado da leitura. Abreviando muito os instigantes tópicos sobre os quais se debruça o livro, podemos pensar em uma questão na qual vale a pena deter-se.

Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil

1º LUGAR – *Adélia*. Jean-Claude

Alphen. Pulo do Gato ALTAMENTE RECOMENDÁVEL FNLIJ 2016 CRIANÇA

2º LUGAR – *Teleco, o Coelhozinho*. Murilo Rubião. Ilustrações de Odilon Moraes.

Positivo PRÊMIO FNLIJ 2017 ESPECIAL

3º LUGAR – *Nuno e as Coisas Incríveis*.

Andre Neves. Jujuba Editora

Infantil

1º LUGAR – *Drufts*. Eva Furnari. Moderna SELECIONADO PELA FNLIJ PARA FEIRA DE BOLONHA

2º LUGAR – *Se Eu Fosse... Um bicho, uma planta ou até um objeto, minha vida seria muito diferente*. Luisa Massarani.

Ilustrações de Mariana Massarani.

Publifolha

3º LUGAR – *A Boca da Noite*. Cristino Wapichana. Ilustrações de Graça Lima.

Zit PRÊMIO FNLIJ 2017 CRIANÇA E

ILUSTRAÇÃO

Juvenil

1º LUGAR – *Dentro de mim ninguém entra*. José Castello. Berlendis & Vertechia.

ALTAMENTE RECOMENDÁVEL FNLIJ 2016 JOVEM

2º LUGAR – *Vozes Ancestrais*. Daniel

Munduruku. FTD Educação PRÊMIO

FNLIJ 2017 RECONTO

Jaime Pinsky
(Editora Contexto) e
Magda Soares



3º LUGAR – *O Caderno da Avó Clara*.

Susana Ventura. Sesi-SP Editora

ALTAMENTE RECOMENDÁVEL FNLIJ 2016 JOVEM

Infantil Digital

1º LUGAR – *Kidsbook Itaú Criança* – Marcelo Rubens Paiva e Alexandre Rampazo, Luis Fernando Verissimo e Willian Santiago, Fernanda Takai e Ina Carolina, Adriana Carranca e Brunna Mancuso, Antonio Prata e Caio Bucarechi. Agência Africa

2º LUGAR – *Nautilus – Baseado na Obra Original de Jules Verne: Vinte Mil Léguas Submarinas*. Maurício Boff e Fernando Tangi (ilustrador).

Storymax

3º LUGAR – *Quanto Bumbum!* Isabel Malzoni (texto) e Cecília Esteves (arte). Caixote/Webcore

Outras categorias do Jabuti também tiveram premiados pela FNLIJ:

2º LUGAR ADAPTAÇÃO – *A Ilha do Tesouro*. Rodrigo Machado. FTD Educação ALTAMENTE RECOMENDÁVEL FNLIJ 2016 TRADUÇÃO ADAPTAÇÃO JOVEM

3º LUGAR DIDÁTICO PARADIDÁTICO – *Terra de Cabinha: Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do Sertão*. Gabriela Romeu. Peirópolis PRÊMIO FNLIJ 2017 INFORMATIVO

Conheça os vencedores de todas as categorias no site premiojabuti.com.br.

Quando é que alguém pode ser considerado leitor?

No livro de Magda aprendemos que só sabe ler 1) quem sabe que alguns sinais gráficos correspondem a certos sons da fala 2) quem é capaz de entender e discutir o que está representado no enfileirado de sinais gráficos que tem diante dos olhos e 3) quem está familiarizado com certos práticas sociais que se organizam em torno da escrita.

Requisitos de mão dupla: também essenciais para a aprendizagem e desenvolvimento da escrita.

A farta e atualíssima bibliografia nas páginas finais, ao lado das frequentes citações ao longo do texto constroem um perfil da autora. Mas ao lado desta Magda, intelectual rigorosa, com prêmios acadêmicos dentro e fora do Brasil, o livro

compõe a figura de uma *outra* Magda. A Magda que simultaneamente às aulas na UFMG, às defesas de teses, às palestra e conferências convivia com professores do ensino fundamental, frequentava escolas municipais e estaduais, olhava cadernos de alunos. Ou seja, Magda via e ouvia o que se passava nestes cenários tão afastados da vida acadêmica.

Viu, ouviu e aprendeu.

E o resultado da aprendizagem foi este belo *Alfabetização: a questão dos métodos*, melhor livro não ficção publicado no ano passado. E que, apesar de ser um *livro de não ficção*, parece ilustrar bem aquela sabedoria celebrada por um antigo poeta Português, ao mencionar *um saber só de experiências feito*

É isso aí ...



Marisa Lajolo



Ministro da Cultura Sérgio Sá Leitão durante a cerimônia



João Anzanello Carrascoza e Helena Severo

Prêmio Biblioteca Nacional 2017

A Fundação Biblioteca Nacional ofereceu um jantar para apresentar os vencedores do Prêmio Biblioteca Nacional no dia 27 de novembro, com a presença do ministro da Cultura, Sergio Sá Leitão. A cerimônia foi realizada no belo saguão localizado na entrada principal da Biblioteca Nacional.

A 24ª edição do prêmio recebeu a inscrição de 890 obras em nove categorias: conto, ensaio literário, ensaio social, literatura infantil, literatura juvenil, poesia, projeto gráfico, romance e tradução. Cada vencedor tem como premiação o valor de R\$ 30 mil e diploma. Os membros do júri são divididos pela categorias, três em cada

uma, e analisam as obras de acordo com critérios como qualidade literária, originalidade, contribuição à cultura nacional, criatividade no uso dos recursos gráficos e excelência da tradução.

O Prêmio Biblioteca Nacional foi criado em 2008 e até 2012 as categorias Infantil e Juvenil estavam incluídas no Prêmio Glória Pondé. A partir desse ano, foi criado o Prêmio Sylvia Orthof para a categoria Literatura infantil.

Os vencedores das categorias Literatura Infantil e Juvenil e as comissões julgadoras foram:

Literatura Infantil – Prêmio Sylvia Orthof

Eva Furnari, com a obra *Drufs*, da Ed. Melhoramentos – Selecionado pela FNLIJ para Feira de Bolonha | COMISSÃO JULGADORA: Carolina Sanches, Roger Mello e Rona Hanning

Literatura Juvenil – Prêmio Glória Pondé

João Anzanello Carrascoza, com a obra *Tempo justo*, da Editora SM – Altamente Recomendável FNLIJ | COMISSÃO JULGADORA: Gabriela Gibrail, Henrique Rodrigues e Patrícia Lacerda

Para conhecer os demais vencedores, acesse www.bn.gov.br.

Fanny Abramovich



Faleceu no dia 27 de novembro a escritora, jornalista, pedagoga e atriz Fanny Abramovich.

Nascida em 1940 na cidade de São Paulo, formou-se em Pedagogia e estudou na França e Itália. Ministrou cursos e prestou assessoria sobre arte e educação em diversos lugares do país. Fanny começou a lecionar no final dos anos 50 na Scholem Aleichem, uma escola experimental em São Paulo. Antes de se tornar escritora, se especializou em arte-educação e é considerada uma das grandes responsáveis pela introdução da disciplina de artes no currículo escolar.

Publicou seu primeiro livro pedagógico em 1983, *O estranho mundo que se mostra às crianças* (Summus), e estreou na literatura infantil e juvenil em 1986, com *Deixa isso pra lá e vamos brincar* (Salesiana Dom Bosco), que foi reformulado dez anos depois, ganhando novo título: *Brincando de antigamente* (Formato). Em 1991, lançou *Literatura infantil: gostosuras e bobices* (Scipione), que se tornou importante fonte para educadores.

Fanny também trabalhou como jornalista, escrevendo artigos em jornais e revistas, como Folha de São Paulo e Jornal da Tarde, apresentando quadros sobre literatura infantil no tv Mulher, da Rede Globo, e como crítica de produção cultural infantil. A escritora e pedagoga ainda atuou em consultoria para projetos especialmente criados para crianças e jovens, na área do teatro, da literatura e da educação.

Com mais de 40 livros publicados, se dedicou à promoção de leitura, tendo colaborado com projetos específicos de literatura infantil e juvenil das Editoras Nobel, Abril, Moderna, Globo, entre outras.

Fanny contribuiu de forma única para unir educação e arte, atuando em diversas áreas, deixa um importante legado pedagógico e literário.

70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos ONU

Em 10 de dezembro de 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, quando, após o final da Segunda Guerra Mundial, se fez necessário promover a dignidade humana em todos os lugares e para sempre.

O Brasil esteve presente de forma especial com o acadêmico Austregésilo de Athayde, que participou da comissão responsável por redigir o documento, desempenhando um papel importante no seu debate. Destacado, em 1948, como delegado do Brasil na 3ª Assembleia da ONU, em Paris, foi reconhecido pelos companheiros da Comissão como o mais ativo colaborador na composição do texto.

A participação brasileira também se fez pela presença de uma jovem que se tornou uma pessoa muito importante para FNLIJ. Laura Sandroni, filha de Athayde, então uma adolescente de 14 anos assistiu, das galerias do Palais de Chaillot, ao pai ler, em francês, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, diante da multidão. Laura, uma das fundadoras da FNLIJ, se recorda do momento histórico: *Todos ficaram muito emocionados. Perceberam a importância que tinha essa declaração para o mundo*, lembra.

Por ocasião da comemoração dos 70 anos da declaração, o IBBY enviou para todas as suas 74 seções uma saudação enviada por Gerald Leitner, Secretário Geral da Federação Internacional de Bibliotecas, que de forma emocionante afirma o papel da biblioteca na defesa dos Direitos Humanos.



Autregésilo de Athayde

Visando partilhar tão oportuna e enérgica defesa, divulgamos no *Notícias* a mensagem de Leitner como mais um apoio para enfrentar os desafios na defesa da biblioteca em nosso país, como espaço de liberdade e respeito ao outro, que embasam os direitos humanos.

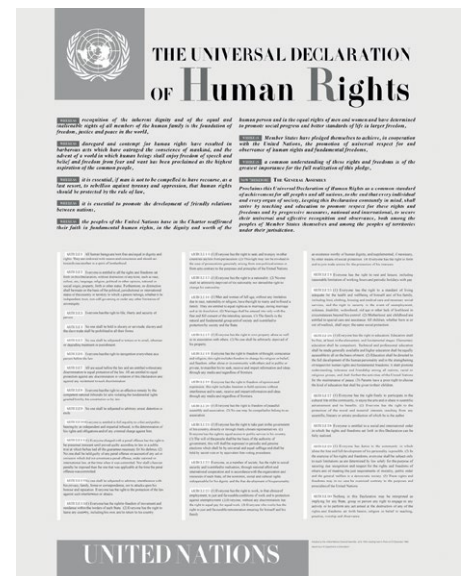
Hoje marca o início do 70º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Uma resposta à Segunda Guerra Mundial, um ponto baixo na história humana, que estabelece um curso para todos os governos, todas as instituições e todos os povos. À medida que nos aproximamos dos 70 anos desde a sua assinatura, ainda não chegamos ao destino estipulado. Temos que trabalhar para isso!

As bibliotecas não só podem se fortalecer com a Declaração, mas, por meio do seu trabalho, contribuem para alcançar seus objetivos.

Sem o direito à privacidade, ao livre pensamento e associação, as bibliotecas não conseguem fazer o trabalho. Talvez o mais importante, o artigo 19 da Declaração, que destaca a liberdade de *buscar, receber e transmitir informações e ideias através de qualquer mídia e independentemente de fronteiras*, é o cerne dos valores fundamentais da Ifla. Também está nos murais de nossos escritórios em Haia.

As bibliotecas, por sua vez, desempenham um papel fundamental na concretização do direito à educação, à participação na vida cultural, artística e científica e ao envolvimento na vida pública. Num nível ainda mais básico, garantindo um acesso significativo à informação a todos, sem discriminação, apoiam igualdade, saúde, emprego e educação.

Isso não quer dizer que a aplicação e promoção de direitos seja fácil. Muitos de nossos membros trabalham em situações em que seus próprios direitos, bem como os direitos de suas comunidades, não são garantidos. A Ifla continuará a apoiar os nossos colegas em todo o mundo através das nossas palavras, da nossa amizade e, na medida do possível, da nossa presença.



Além disso, os direitos podem não se unir facilmente. A privacidade e o acesso à informação podem entrar em conflito, como no caso do direito de ser esquecido. O equilíbrio entre os direitos do indivíduo e os de outros na comunidade. Precisamos de um meio de discutir, abertamente e profundamente, como encontrar a melhor situação possível para todos.

A Ifla tem sorte de ter seu Comitê Consultivo em Liberdade de Acesso à Informação e Liberdade de Expressão, celebrando seu próprio aniversário – 20 anos de inspiração e orientação para o campo da biblioteca. Estou ansioso para trabalhar no próximo ano para entender como os direitos humanos se desempenham nas bibliotecas e o que nós podemos fazer para acelerar sua implementação.

Como o Alto Comissário para os Direitos Humanos, Zeid Ra'ad Al Hussein sublinhou: *devemos organizar e mobilizar em defesa da decência humana, em defesa de um melhor futuro comum... Devemos assumir uma posição forte e decidida: apoiando resolutamente o direitos humanos dos outros, defendemos os nossos próprios direitos e as das gerações vindouras.*

Que esta mensagem do secretário geral da Ifla sirva como mais um documento que fortaleça as nossas bandeiras para defesa do Direitos Humanos em todos os lugares.

Movimento por um Brasil Literário apresenta Diálogos 2017 em São Paulo

Aconteceu no dia 21 de novembro o encontro Diálogos 2017 *Que é isso que a literatura – e só ela – tem a oferecer que nos põe em movimento?*, uma iniciativa do Movimento por um Brasil literário e da Febab (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários e Instituições), com apoio institucional da SP Leituras, patrocínio do Instituto Pró-Livro e parceria da Editora Pulo do Gato, que apoiou a vinda do seu autor Luiz Percival Leme Britto.

O Brasil Literário realizou seu primeiro seminário em 2015 com a proposta de ampliar o debate em torno da leitura literária, direito à literatura, políticas e planos de livro e bibliotecas. O evento aconteceu na Casa de Rui Barbosa, em Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro, nos dias 2 e 3 de dezembro de 2015. O sucesso da proposta fez com que fosse logo planejado o segundo seminário, mas sem os patrocínios não foi possível levar adiante o projeto. Como último desafio e com muita persistência, o movimento se propôs a realizar o Diálogos 2017 em uma tarde, com transmissão ao vivo realizada por Gutierrez de Jesus na página do MBL no Facebook.

Com esforço de todos, o evento contou com programação sobre a leitura literária, direito à literatura, pesquisa e política pública de leitura e biblioteca e teve a presença de profissionais empenhados em construir um Brasil literário.

Liane Muniz, secretária executiva do Brasil Literário, conduziu o Diálogos 2017, apresentando os membros da mesa de abertura: Adriana Ferrari (Febab), Elizabeth Serra (Presidente do Conselho Deliberativo do Brasil Literário), Pierre André Ruprecht (SP Leituras) e Zoara Failla (Instituto Pró-Livro).

Após a abertura, Liane e Christine homenagearam Elizabeth Serra pela sua dedicação ao Brasil Literário. *O Movimento por um Brasil Literário também nasceu por você, que logo o nutriu quando Áurea Alencar soprou a ideia, e você, brilhantemente, trouxe Bartolomeu Campos de Queirós para escrever nossa carta náutica, o Manifesto por um Brasil Literário. Esperança com ação, firmeza com afeto, esta é Beth Serra. Se somos melhores leitores hoje do que ontem, Beth, devemos muito disso a você. Obrigada.*

A seguir, Elizabeth Serra fez uma síntese do legado do Movimento, descrevendo seu início, idealizado por Áurea Alencar – na época no Instituto C&A, instituição que viabilizou o movimento desde a sua fase inicial antes de se tornar uma associação. As ações e os núcleos espalhados pelo país, bem como a participação de Bartolomeu Campos de Queirós também foram lembrados. *É um privilégio poder ter essa herança que ele nos deixou e como ele continua nos estimulando. A imagem do movimento está diretamente ligada a imagem do Bartolomeu, por seu engajamento desde quando foi convidado a participar, se entregando de corpo e alma, cujo testamento é o manifesto do Brasil Literário escrito por ele,* falou Elizabeth.

Luiz Percival (Conselho Deliberativo) e Nilma Lacerda (Conselho Consultivo) se voltaram para o tema do encontro, *Que é isso que a literatura – e só ela – tem a oferecer que nos põe em movimento?*. Percival destacou a premissa de promoção da leitura, onde se diz que *ler é bom*, mas com objetivo de conseguir outra coisa – a capacidade de aumentar a produção e o consumo. Sempre incisivo no sentido de ir à raiz da questão, nos tirando da zona de conforto. *Promoção da leitura é hipocrisia, porque quase sempre não passa de adequação a um modelo de sociedade, a um modelo de produção e consumo, a uma lógica de educação pragmática e utilitária. Ler por ler não serve para nada. O que sempre insisti, era de que todo mundo tem que saber ler porque é condição e excluir as pessoas dessa condição é reduzir direito de possibilidade. A arte quando não é entretenimento, a arte quando não é decoração, a arte quando não é negócio, expressa a dor humana. E é por isso que ela é genial e grandiosa. A literatura é produção fundamental da estética humana,* declarou Percival. O livro de Percival *No lugar da leitura: biblioteca e formação* teve seus direitos cedidos pelo autor para o MBL e está disponível para acesso gratuito em formato digital no site www.brasilliterario.org.br. Nilma falou de seu trabalho desenvolvido há oito anos na biblioteca do Colégio Universitário Geraldo Reis da UFF. *Optei pelo meu projeto de ensino ser a apropriação e criação do valor desse espaço, dis-*



Nilma Lacerda



Zoara Failla, Adriana Ferrari, Elizabeth Serra e Pierre André Ruprecht

se Nilma. A professora e pesquisadora descreveu a evolução da biblioteca e as ações realizadas no espaço. *Essa tem sido a minha opção de trabalhar. Não vai ser para sempre assim, porque isso também exaure as pessoas e o próprio sistema, e nós vamos construindo algumas pequenas vertentes de utopias.* Nilma também leu um trecho dos livros *Infância*, de Graciliano Ramos (Record), onde ele conta suas dificuldades com a leitura e *As Palavras*, de Jean-Paul Satre (Nova Fronteira). A seguir, a mesa abriu para discussões com o público.

Na próxima mesa, Christine Fontelles (membro do Conselho Deliberativo do Brasil Literário e responsável pela organização do evento) e Adriana Ferrari (Febab) falaram sobre políticas públicas e as campanhas *Eu quero a minha biblioteca* e *Eu amo minha biblioteca, eu quero*, respectivamente. Christine descreveu os caminhos a serem percorridos e recursos a serem acessados para colocar em prática a Lei nº 12.244 de 2010, que tinha a intenção de universalizar as bibliotecas escolares no Brasil até 2020. Ela apre-

sentou a publicação da campanha *Como implementar e manter bibliotecas com recursos públicos*. Adriana apresentou o movimento *Eu amo minha biblioteca, eu quero* e as ações realizadas por ele.

Zoara Failla, coordenadora da pesquisa e organizadora do livro *Retratos da leitura no Brasil* e gerente de projetos do Instituto Pró-livro, discorreu sobre a plataforma de projetos de leitura do instituto Pró-livro. Zoara apresentou e analisou os dados da 4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2016.

O encontro terminou com os participantes reiterando o compromisso com a leitura, mesmo nas condições adversas por que passa o país, mantendo a resistência em acreditar no Brasil formado por leitores de literatura.

O Brasil Literário buscou também registrar a impossibilidade de continuar ativo por falta de apoio financeiro. Mas, no sentido oposto de um encerramento, os membros dos Conselhos do MBL presentes ao evento e sua equipe – Liane Muniz, Denize Freitas, e a assessora de comunicação Alessandra Pellanda, que estava à distância – tiveram também a intenção de demonstrar que a ideia do Movimento somou forças a outras iniciativas que batalham pelos mesmos ideais. O Brasil Literário tem esperança que, no futuro, a ideia renascerá de alguma maneira, vencendo as agruras do momento de dificuldades em todos os níveis pelos quais passa a sociedade brasileira, em especial a cultura e a educação.

MultiRio lança série audiovisual sobre Literatura

Em evento na Academia Brasileira de Letras, no dia 24 de novembro, a MultiRio lançou a série audiovisual *Próxima Página*, produção que mostra de maneira inusitada leitores de diferentes perfis entrevistando outros leitores sobre as obras que impactaram suas vidas. Nos episódios, os entrevistadores se revezam, traçando um painel variado de leituras e ideias, ligado pela experiência da leitura literária. Além da qualidade da produção, as entrevistas envolvem o telespectador com leveza e encantamento pela forma espontânea com que os convidados falam sobre os livros.

A série tem dez episódios, com dois personagens e cerca de 15 minutos cada. Os convidados são: Nestor Capoeira, capoeirista e autor; Patricia Mellodi, cantora e compositora; Evando dos Santos, fundador de uma biblioteca comunitária; Nélide Piñon, escritora; Paulo Sabino, poeta; Eliane Pimenta, professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e autora; André Dahmer, cartunista; Marcio Libar, ator, diretor teatral e palhaço; Ernandes Fernandes, arquiteto;

to; e Tainá Almeida, do coletivo Meninas Black Power.

O programa é voltado para professores, alunos da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro e todos que reconhecem, ou desejam conhecer, a importância e força da leitura dos livros para a vida.

O evento foi aberto por Daniel Sant'anna, Coordenador da webrádio da MultiRio, que chamou Caique Botkay, Diretor-Presidente da empresa. Caique é artista-educador carioca, trabalha com Educação há 40 anos e também escreveu o livro de Literatura Infantil *Histórias de mágicos e meninos* (Editora 34), que recebeu o selo Altamente Recomendável da FNLIJ. Depois da fala do diretor, os participantes da série que estavam presentes foram chamados ao palco para foto do evento.

A seguir, Daniel convidou Simone Monteiro, da MultiRio, Eliane Pimenta (SME), Denise Moraes (diretora da série) e a Secretária Geral da FNLIJ, Elizabeth Serra para uma roda de conversa sobre o programa e a Literatura.



Criada em 1993, a MultiRio – Empresa Municipal de Multimeios, vinculada à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, produz conteúdo educativo-cultural para tv, web (rádio e tv) e impressos. São mais de 7.000 títulos disponibilizados nessas plataformas – vídeos, podcasts, matérias jornalísticas, publicações, animações, livros infantis com realidade aumentada, jogos digitais interativos, séries com conversão para 3D, vídeos em realidade virtual e simulações holográficas, entre outros.

O público pode conferir todos os episódios no canal MultiRio (26 da NET), a partir das 20h, ou acessá-los na Videoteca do site multirio.rj.gov.br.

Revista do IBBY francês tem título provocador: *Não gosto de ler!*



O *Notícias FNLIJ* traz uma resenha sobre a edição de setembro de 2017 da revista *La Revue des Livres Pour Enfants*, publicação da seção francesa do IBBY La Joie par les livres.

A *La Revue des Livres Pour Enfants* é uma publicação bimestral, enviada para a FNLIJ após um acordo firmado entre as seções brasileira e francesa na ocasião do seminário 16eme Journée des livres en V.O.: le Brésil – A la découverte de la littérature de jeunesse brésilienne (16ª Jornada do livros em V.O.: Brasil – Descobrimos a literatura infantil brasileira), em 2015. A Fundação envia para La Joie par les livres o informativo mensal *Notícias FNLIJ*.

A edição de setembro apresenta uma análise sobre a falta de interesse pela leitura, polemizando com artigos de especialistas no assunto, como Anne Marie Chatier, Michele Petit, entre outros, sobre o que há por trás da frase *Não gosto de ler!*.

A resenha é escrita por Mariana Elia, mestra em Literatura pela PUC-Rio e assessora de comunicação da FNLIJ.

Em sua mais recente edição (setembro/2017), a *Revue des Livres pour Enfants*, revista da seção francesa do IBBY, mergulha no polêmico tema do gosto pela leitura. Ou, melhor dizendo, da falta de gosto por ela. Com o mote *J'aime pas lire...* (Não gosto de ler), sete artigos e entrevistas – além de um levantamento – destrincham questões variadas que permeiam a leitura na sua relação com crianças e jovens.

Numa observação geral, é interessante notar como as entrevistas e artigos mencionam sempre questões editoriais. As escolhas dos editores, as estratégias adotadas – adaptações para disléxicos e para leitores iniciantes, recorrência de certos modelos de personagens, entre outros – são abordadas reiteradamente, explicitando a preocupação da revista em enfatizar o processo de produção do livro associado à prática de leitura entre crianças e jovens.

O primeiro artigo é de Anne-Marie Chartier. Com *Não gosto de ler... eles dizem*, a filósofa faz uma retrospectiva histórica, lembrando que entre o discurso do pós-guerra, em que a leitura era proporcionalmente relacionada ao bom desempenho escolar, e a revisão na década de 1990, a partir de François de Singly, na qual se recuperavam os muitos jovens que não se enquadravam no modelo – ou seja, amantes da leitura, mas maus alunos; bons alunos, mas avessos à leitura –, foi preciso levantar uma palavra de ordem: o prazer da leitura.

Na esteira da discussão sobre esse tal prazer de que todos têm de desfrutar, para entender o que havia entre os viciados em leitura e os prejudicados pela ausência dela no ambiente familiar ou escolar, foram publicados *Deixem que leiam* (Rocco), de Geneviève Patte, e *Le Pouvoir de lire* (O poder de ler, em tradução livre), organizado por Josette Jolibert e Robert Gloton.

Para Chartier, o caminho era entender o que as frases *Não gosto de ler* ou *Não leio*, vindas muitas vezes como uma confissão, queriam dizer. Era preciso, nesse sentido, descobrir o que se lia para, depois, saber por que se parava de ler. No entanto, em meio a toda discussão, os critérios das análises pareciam sempre tergiversar so-

bre a questão do gosto pela leitura propriamente dito. Anne-Marie Chartier procura nos dar, assim, pistas sobre as possíveis abordagens à questão, de modo que o artigo funciona como um belo pontapé inicial para adentrarmos no tema da revista.

Já em *Não gosto de ler... para a escola*, o professor Pierre Sève faz uma série de apontamentos que diferenciam o tratamento dado à leitura entre os ciclos escolares. Segundo ele, o padrão é considerar a leitura como um processo já apreendido no segundo segmento do ensino fundamental e no médio, o que leva os professores a incentivar a acumulação da leitura *de patrimônio*, canônica. O problema é que, nesse caminho de mão única, acabamos por preferir os alunos que ainda não tomaram para si a leitura além do funcional. Enquanto a relação entre aprender a ler e se tornar leitor são indissociáveis no início da infância, aponta Sève, à medida que os ciclos escolares passam esses dois aspectos se apartam.

Num enfoque mais específico, na entrevista com a fonoaudióloga Carole Laurence, descobrimos um pouco o processo de aprendizagem para quem sofre de dislexia. Para Laurence, os dispositivos e adaptações editoriais muitas vezes não preparam o disléxico para o mundo. A preocupação principal de Laurence é não estigmatizar ou reduzir o campo de conhecimento da criança, e às vezes a adaptação pode simplificar demais o assunto tratado. Laurence afirma que a dislexia não impede os estudos, tampouco a leitura, principalmente se a criança tiver um tratamento continuado que assume essa dificuldade. *É difícil ler, não acontece sem esforço: mascarar a leitura com o lúdico de forma excessiva muitas vezes nos leva a não dizer isso à criança.*

Já no caso de *Não gosto de ler... mas tenho vontade de escutar*, vemos o resgate da literatura oralizada, uma prática comum no início da infância e que aos poucos vai se perdendo nas salas de aula. Atividades como as que vemos no Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens mostram que a atenção necessária – e que designa uma atitude não passiva de quem escu-

ta, segundo François Tenier na entrevista – a quem escuta uma história está bastante atrelada ao interesse pelo desenrolar da história. Tenier assinala também a importância, para autonomia das crianças, dos audiolivros e histórias contadas em podcasts e cds. No final da entrevista, uma ideia interessante: se há muitas crianças que não gostam de ler, há bem poucas que não gostam de histórias. Um livro em áudio pode então funcionar como uma outra porta de entrada para acessar histórias.

Como era de esperar, a questão do gênero, tão polêmica por aqui, não poderia ser esquecida. *Não gosto de ler... porque é coisa de menina* é uma entrevista com a socióloga Christine Détrez e traz algumas reflexões sobre a separação de livros para meninos e para meninas, além de problematizar o estereótipo de comportamentos de um gênero para outro.

Não gosto de ler... mas mesmo assim vou à biblioteca é uma grata surpresa. Segundo as bibliotecárias entrevistadas, há muitos frequentadores de bibliotecas que se dizem não amantes da leitura. A constatação provocou uma série de indagações nos funcionários da biblioteca municipal de Lyon que desencadearam um projeto que

oferecia livros a quem não gostava de ler. Um nicho foi colocado na entrada da biblioteca e diversos livros selecionados por cada setor eram oferecidos. A ideia era estabelecer um diálogo. Algo como: Não gosta de ler? Sem problema, temos um livro perfeito para você.

Em seguida temos o levantamento feito por Aline Eisenegger, que faz o que chama de *visita guiada* pelas coleções voltadas para as primeiras leituras. Finalmente o artigo de Michèle Petit encerra a editoria principal com a pergunta-título: *Não gosto de ler... mas isso é muito grave?* Numa comparação bastante adequada, Petit inicia o artigo lembrando sua infância e a imposição que lhe faziam para comer. É higiênico, sua avó dizia. Comer era associado à saúde, a uma vida limpa e esterilizada. O discurso em torno da leitura hoje em dia seria semelhante, segundo ela. É preciso ler para passar de ano, ler para ser uma pessoa melhor, ler porque faz bem. Mas por que não se lê? Michèle Petit traz então um ponto que parece crucial para o Brasil. O livro ainda está envolto na noção de poder, um poder muitas vezes inacessível. Ler é para os outros, é para quem pode.

E à guisa de uma coda, o artigo cita al-

gumas razões para não se ler: porque é visto como uma obrigação exigida pelos adultos (daí revisitamos a leitura canônica de que fala Pierre Sève); porque feminiza (como comenta Christine Détrez); ou porque podemos gostar de outras formas de simbolização (também como comenta Chartier). Para a autora, sua preocupação real é quando a criança não se interessa pelo que está em seu entorno, quando não tem curiosidade ou não procura uma linguagem para além de sua funcionalidade.

Paremos de nos atormentar com a ideia fixa de que todos devem ser leitores. Michèle Petit está mais interessada na leitura do mundo – o que acaba por remeter à prática educadora de Paulo Freire e seu livro *A leitura do mundo, a leitura da palavra* –, na partilha de histórias, na atenção à curiosidade da criança. Talvez essa seja uma defesa mais viável na França, onde os índices de leitura são mais altos. No entanto, parece fundamental, aqui ou lá, ter a escuta para as necessidades e demandas da criança no que se refere à sua relação com a leitura. E acreditar que oferecer a ela a opção de ler um livro vem antes do questionamento sobre o gosto que se tem, ou não, por essa leitura.

Livro de Roger Mello está entre os mais vendidos nos EUA

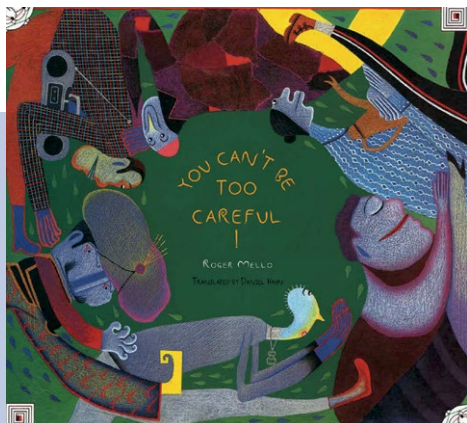
O livro *Todo cuidado é pouco* (Companhia das Letras), primeiro livro de Roger Mello lançado nos Estados Unidos, encantou o público e a crítica especializada no país. Lançado pela Elsewhere Editions em março desse ano com o título *You can't be too carefull!*, traduzido por Daniel Hahn, teve a primeira edição vendida em dois meses.

A obra entrou para a lista de sete livros *Best Picture Books of 2017 for Contemplative Readers* (Melhores livros de imagem de

2017 para leitores contemplativos, em uma tradução livre), da revista *Kirkus Reviews*. Segundo a resenha da publicação, a obra de Roger *Completa e provocativa (...)* irá intrigar os leitores que gostam de quebra-cabeças e frustrar aqueles que não gostam.

Roger também lançou *Feather*, escrito pelo chinês Cao Wenxuan, vencedor do Prêmio Hans Christian Andersen de 2016. O livro, lançado em 13 países, ainda é inédito no Brasil e será publicado aqui com o título *A pena*.

A edição americana de *Todo cuidado é pouco* – *You can't be too carefull!*, e, ao lado *Feather*



VEM AÍ A FEIRA DE BOLONHA 2018!

Em sua 44ª participação na Feira de Bolonha, a FNLIJ conta com o apoio do Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Roma, das editoras Editora do Brasil, FTD, Moderna/Salamandra e Global e da CBL.

O catálogo FNLIJ's Selection 2018 homenageia Ziraldo em sua capa, com a ilustração de *Flicts*. O selo comemorativo dos 50 anos da FNLIJ também está na capa da publicação, que será impressa pela editora FTD. Este ano, o FNLIJ's Selection vai estar nas mãos dos editores internacionais da Feira de Bolonha antes do evento! A versão em PDF do catálogo será enviada pela FNLIJ, permitindo que todos conheçam antecipadamente os livros brasileiros selecionados.



Os jovens ilustradores presentes na feira vão poder novamente mostrar seus trabalhos para Roger Mello e ouvir seus comentários no estande da FNLIJ/MRE. A atividade, realizada pela primeira vez em 2017, foi um sucesso!

Editor, ainda há tempo de participar do estande da FNLIJ/MRE. Basta entrar em contato com Mariana Elia pelo e-mail comunicacaofnlij@fnlij.org.br

movimento por um Brasil literário
*m*Brasil*lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais



QUERO MINHA BIBLIOTECA

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – *iBBY*

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; B4 Editores; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Fund. Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Leya Editora; Marcos Pereira; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovelle Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva Educação; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda e WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; **Jornalista:** Cristina Bacelar; **Projeto Gráfico e Diagramação:** Estúdio Versalete; **Impressão:** PwC. **Gestão** FNLIJ 2017-2020 **Conselho Curador:** Anna Maria Rennhack, Christine Castilho Fontelles, Guilherme Pinto Zincone, Ísis Valéria Gomes, Leonardo Chianca e Roberto Ferreira Leal; **Conselho Diretor:** Wander Soares (Presidente), Marisa de Almeida Borba e Daniele Cajueiro; **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Jorge Henrique Carneiro e Marcos Veiga Pereira; **Suplentes:** Amir Piedade, Diego Drumond e Lima e Paulo Rocco. **Conselho Consultivo:** Alfredo Weisflog, Annete Baldi, Beatriz Bozano Hetzel, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José de Alencar Mayrink, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Cunha e Sílvia Gandelman; **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio

